

Nigel Barley. *Native land. The bizarre rituals and curios customs that make the English English.* Penguin Books. London, 1989. 163 pp.

Sylvia Caiuby Novaes
Professora do Departamento de Antropologia – USP

Native land oferece uma boa oportunidade para percebermos que, em muitos casos, a informação que obtemos por meio de textos não difere muito daquela que é veiculada por meio de imagens. O texto é de Nigel Barley e os vídeos, uma série de seis programas de 25 minutos cada, veiculados pelo Channel Four da televisão inglesa, foram escritos por Barley e Tim Rayner, com direção e produção de Rayner.

O subtítulo de *Native land* talvez servisse apenas a uma tentativa editorial de um maior apelo comercial. Mas de fato corresponde, em grande parte, ao tratamento que o autor dá aos dados que pretende analisar. Bem ao estilo do clássico *Body rituals among the Nacirema*, de Horace Miner, aqui Nigel Barley fala dos hábitos e costumes ingleses de uma perspectiva que acentua o exótico e o curioso.

Tal como o texto de Miner, o livro de Barley serve como boa ilustração do trabalho antropológico que, ao descontextualizar a informação e não aprofundar a busca do significado, acaba por transformar costumes típicos em atitudes estapafúrdias, contraditórias, ingênuas e sem sentido.

Barley, em suas próprias palavras, tem um certo orgulho de ser inglês, embora, como antropólogo profissional, se veja sempre como um estranho, sendo os ingleses, para ele, simultaneamente “nós” e “eles”. Tanto o livro quanto o vídeo mostram um total *parti pris* por parte do autor. A visão de Barley ao analisar os diferentes aspectos é visível no último capítulo, em que trata da monarquia e dos sentimentos de nacionalismo e patriotismo, presentes em instituições como o Exército e as bandeirantes. Aparece igualmente ao mostrar como diferentes religiões lidam com Deus, a morte e a vida após a morte.

O capítulo “Bodies of knowledge” é, de todos, o mais interessante e aquele em que o vídeo permite uma abordagem mais rica do que o texto. Barley procura analisar o corpo vivo e seu lugar em nossa cultura e, para isso, passeia por academias de ginástica, cabarés, hospitais, asilos, casas de massa-

gem; discute as diferentes dietas alimentares, comunidades que se dedicam a alimentos orgânicos, o culto ao corpo, a medicalização dos diferentes aspectos da vida. As imagens, neste caso, são mais eloqüentes do que o texto. Esta parece ser também uma área em que Barley se sente mais à vontade, ou ele mesmo um entusiasta de vários dos temas discutidos no capítulo.

Tanto o texto como os programas veiculados pela televisão são recheados de entrevistas e depoimentos – sobre a visão que os ingleses têm quanto à monarquia, a pessoa concreta da rainha, Deus, o que é ser inglês, qual o significado da tradição, da família, do casamento, do bolo, e assim por diante. Ao conduzir as entrevistas, Barley procura mostrar a seus informantes as contradições de seus depoimentos. Mas sabemos que agentes sociais não são, necessariamente, sociólogos, antropólogos ou os melhores intérpretes de sua cultura. Sabemos também que os diferentes aspectos de uma cultura não são necessariamente coerentes.

Assim, parece no mínimo estranha a tentativa do autor de ver no ritual da comunhão um ato de canibalismo e solicitar de sacerdotes a confirmação desta interpretação. Tentar buscar algo mais entusiasmante nos períodos de férias de uma típica família de classe média ou apontar a incoerência no modo como os ocidentais lidam com a morte são modos de se posicionar, mas deixam a desejar quando se trata de um trabalho antropológico.

Como antropólogo acostumado a analisar culturas absolutamente distintas da sua, Barley, que fez extensas pesquisas na África e na Indonésia, parece ter maior habilidade em se mostrar cúmplice de costumes que lhe são totalmente estranhos, como ele demonstra em “Symbolic structures – an exploration of the culture of the dowayos” (1983). Mas é com o mesmo humor que transborda em “The innocent anthropologist”, sobre suas peripécias ao realizar pesquisa de campo em Camarões, que Barley escreve o *Native land*. Aliás, para nós brasileiros, um humor tipicamente inglês. E o vídeo demonstra, igualmente, um enorme prazer do autor em se ver filmado, um estar totalmente à vontade frente à câmera. Mais do que o livro, o vídeo dá uma boa idéia do trabalho de campo antropológico, da pesquisa participante. Mas como Barley apenas passeia por alguns dos diferentes grupos sociais que compõem a cultura inglesa atual, sem se deter mais demoradamente em nenhum deles, a visão que oferece não é aquela que esperamos daquilo que ficou conhecido como a perspectiva antropológica.